

**ENUNCIÇÃO E TENSIVIDADE NO DISCURSO DA MÍDIA JORNALÍSTICA
SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19****ENUNCIATION AND TENSIVENESS IN THE JOURNALISTIC MEDIA
DISCOURSE ABOUT THE COVID-19 PANDEMICS**

Ricardo Lopes Leite¹
Otávia Marques de Farias²

RESUMO: Este artigo examina como a enunciação modula a tensão entre a dimensão inteligível e sensível do discurso em manchetes e *leads* (estes, quando presentes e pertinentes) de notícias da mídia jornalística sobre a pandemia do Coronavírus, produzindo efeitos de sentido que colaboram não somente para a adesão do leitor/enunciário ao ponto de vista adotado pelos portais jornalísticos, mas também para a construção de imagens discursivas diversas desses enunciadorees. Supõe-se que, dependendo do tipo de estratégia enunciativa mobilizada no texto, produzem-se efeitos de sentido tanto da ordem da intensidade, relacionada à dimensão mais afetiva e sensível do discurso, quanto da ordem da extensividade, referente à dimensão mais racional e inteligível do discurso. Adota-se como base teórico-analítica o ponto de vista sobre enunciação apresentado pela Semiótica Discursiva (GREIMAS, 1974; GREIMAS; COURTÉS, 2008), assim como elementos da Semiótica Tensiva, um dos desdobramentos atuais da Semiótica clássica (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001; ZILBERBERG, 2011). Observa-se, nos textos analisados, que o modo de enunciar de cada jornal funciona como estratégia de persuasão, à medida que quanto maior for a presença da enunciação no enunciado, mais emocional, afetiva e sensível a significação se tornará. Por outro lado, quanto menor for a presença da enunciação no enunciado, mais inteligível, analítica e racional será a significação. Assim, o enunciário pode interpretar, por exemplo, uma manchete sobre um mesmo fato ora como mais sensacionalista, ora como mais crítica, o que pode levá-lo a considerar o jornal tanto como tendencioso quanto como imparcial, dependendo de sua adesão ou não aos conteúdos colocados tensivamente em discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Enunciação. Tensividade. Manchetes. Coronavírus.

ABSTRACT: This paper examines how the enunciation modulates the tension between the intelligible and the sensitive dimension of the discourse in news headlines and leads (these ones, when present and pertinent) in the journalistic media about the Coronavirus pandemic, producing meaning effects that collaborate not only for the adhesion of the reader/enunciatee to the point of view adopted by the journalistic websites, but also for the construction of different discursive images of these enunciators. It is assumed that, depending on the type of enunciative strategy mobilized in the text, meaning effects are produced both in the order of intensity, related to the most affective and sensitive dimension of the discourse, and in the order of extensiveness, referring to the most rational and intelligible dimension of the discourse. We adopt as a theoretical-analytical basis the point of view on enunciation presented by Discursive Semiotics (GREIMAS, 1974; GREIMAS; COURTÉS, 2008), as well as elements of Tensive Semiotics, one of the current developments of classical Semiotics (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001; ZILBERBERG, 2011). It is observed, in the analyzed texts, that the way each newspaper enunciates works as a strategy of persuasion, insofar as the more figurative the text is and the greater the presence of the enunciation in the discourse, the more emotional, affective and sensitive to meaning becomes. On the other hand, the more thematic the text and the smaller the presence of the enunciation in the discourse, the more intelligible, analytical and rational the meaning will be. Thus, the enunciatee can interpret, for example, a headline about the same fact, sometimes as more sensationalist, sometimes as more critical, which can lead him to consider the newspaper as both biased or impartial, depending on whether or not he adheres to the contents placed tensively in the discourse.

KEYWORDS: Semiotics. Enunciation. Tensiveness. Headlines. Coronavirus.

¹ Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: rleite@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0231-5308>

² Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: otavia@unilab.edu.br.

1 Introdução

A pandemia causada pelo Coronavírus se constitui, neste início do século XXI, como um dos acontecimentos significativos para a humanidade e seu impacto psicossocial, sanitário e econômico ainda não pode ser medido com precisão.

Neste cenário de incertezas, a mídia, mormente a jornalística, assume a função de reverberar as ações e os posicionamentos dos governos, das autoridades da Saúde, das instituições econômicas e, obviamente, da população, cabendo a ela, portanto, a função primária de fornecer, atualizar e fazer circular informações sobre a pandemia. Há uma expectativa social, então, de que a transmissão da informação seja realizada de maneira imparcial, transparente e objetiva, o que garantiria o compromisso com a verdade, assim como a credibilidade do veículo midiático.

Sob o prisma da Semiótica Discursiva, no entanto, noções como *realidade* e *verdade* são postas entre parênteses, pois a verdade é concebida como um efeito de sentido produzido nos e pelos discursos (GREIMAS, 1974; GREIMAS; COURTÉS, 2008). Logo, imparcialidade, neutralidade e objetividade não são termos realistas e absolutos, construídos, *a priori*, fora dos textos nos quais se manifestam. Pelo contrário, são efeitos de sentido criados por dispositivos enunciativos que funcionam como estratégias de manipulação extremamente eficazes no processo de comunicação jornalística. O que está em jogo, nesse caso, é o *parecer verdadeiro*, ou melhor, o *fazer parecer verdadeiro*, fundado em um contrato enunciativo que se estabelece entre os participantes da comunicação, o enunciador e o enunciatário, no caso, entre o jornal e seus leitores.

O modo de dizer de um determinado enunciador da mídia jornalística coloca em cena uma série de escolhas linguísticas que relativizam o conteúdo informado pela manchete, *lead*, notícia ou matéria, ao mesmo tempo em que se constroem imagens discursivas desse enunciador. É, portanto, por meio de mecanismos enunciativos que se pode depreender a identidade discursiva de um jornal como, por exemplo, tendencioso, neutro ou sensacionalista (LEITE; FARIAS, 2017; HERNANDES, 2006).

É interessante destacar o fato de que a enunciação não produz significação apenas pela descrição de estados de coisas, mas também considerando os estados de alma do sujeito. Por essa razão, Zilberberg (2011), criador da chamada Semiótica Tensiva, defende que, ao enunciar, o sujeito do discurso pode modular o campo discursivo, tornando alguns conteúdos ora mais intensos, emotivos ou afetivos, ora mais extensos, inteligíveis ou racionais. Assim, dependendo das estratégias enunciativas mobilizadas em um texto e da força de assunção desses enunciados, o enunciatário pode ser direcionado a ler um determinado texto como sensacionalista, trágico, alarmista ou, por outro lado, como imparcial, crítico, didático, etc.

Seguindo essa linha de raciocínio, este artigo analisa as operações enunciativas que concorrem para o aumento da intensidade ou da extensidade e quais prevalecem como principais estratégias persuasivas no discurso jornalístico sobre a pandemia. Também se examinam os efeitos de sentido produzidos por esse jogo tensivo-enunciativo que permitem depreender as imagens discursivas dos jornais analisados.

Com relação à organização do texto, inicialmente, apresentamos a concepção de enunciação e seu modo de funcionamento discursivo, conforme a proposta da semiótica discursiva, para, em seguida, articular essa concepção ao ponto de vista da semiótica tensiva, a fim de se examinar, no modo de enunciar da mídia jornalística, a presença da dimensão sensível do discurso. Por fim, analisamos algumas manchetes e *leads* de notícias de portais da internet, com o propósito de mostrar como enunciação e tensividade caminham *pari passu* na construção do discurso sobre a pandemia apresentado pela mídia brasileira.

2 Enunciação e tensividade sob uma perspectiva semiótica: uma breve apresentação

De acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 166) a Semiótica Discursiva concebe a enunciação como uma “instância de mediação, que assegura a colocação em enunciado-discurso das virtualidades da língua”. Essa concepção se apoia nas ideias de Benveniste (1991), que defendia a enunciação como o lugar do *ego*, *hic et nunc*, isto é, do eu, aqui e agora. Como a pessoa (ego) enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do sujeito, tomado como ponto de referência. Assim, a enunciação pode ser assumida como a instância constitutiva do enunciado, cujo centro é o *eu*, sujeito que enuncia, em um *aqui* e em um *agora*.

Trata-se, com efeito, de uma “instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado, que dela contém traços e marcas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166). Essa definição é importante porque desfaz a confusão, bastante corrente, que se faz entre a enunciação propriamente dita e a enunciação enunciada (ou narrada), tendo em vista que o modo de existência da primeira é simplesmente ser o pressuposto lógico do enunciado, enquanto a segunda deve ser tomada como sendo o conjunto de marcas identificáveis no texto que remetem à instância de enunciação. Com isso, evita-se a concepção psicologizante e realista de enunciação como ato de linguagem singular e referencial, considerado sempre em uma situação de comunicação, e assume-se uma noção na qual o enunciado sofre coerções do imenso corpo de enunciações coletivas que o precederam e que o tornam possível (BERTRAND, 2003).

Diante disso, a semiótica apresenta o sujeito da enunciação como *sujeito semiótico*, que, antes de ser uma “substância”, ou sequer “a emanação (reflexo) de uma substância primeira que lhe seria exterior e que o determinaria”, é forma, “produto de uma organização formal (discursiva), um efeito de sentido” que se pode tomar “como o pressuposto ou a resultante do discurso realizado” (LANDOWSKI, 1992, p. 168). Como bem diz Bertrand (2003, p. 82-83), o sujeito do discurso “é uma instância em construção, sempre parcial, incompleta e transformável, que apreendemos a partir dos fragmentos do discurso realizado”. Sendo assim, é no ato enunciativo que tanto o enunciado quanto o sujeito da enunciação são gerados.

A estrutura da enunciação comporta duas instâncias: a do enunciador e a do enunciatário, ambos sincretizados num sujeito da enunciação (GREIMAS; COURTÉS, 2008). O funcionamento dessa estrutura pode ser assim resumido: o sujeito da enunciação, ao produzir o enunciado, convoca as estruturas virtuais da língua para atualizá-las em discurso e, no processo de discursivização dessas estruturas, assume o duplo papel actancial de enunciador e enunciatário. Contudo, ao comunicar o discurso enunciado, o sujeito da enunciação se discretiza e assume apenas o papel de enunciador, apresentando-se, neste caso, o processo de discursivização como um lugar de troca entre enunciador e enunciatário.

É lícito afirmar, portanto, que o enunciado não é apenas objeto de transmissão de saber, mas um objeto-discurso construído e manipulado pelo sujeito da enunciação. Sob esse ponto de vista, a comunicação não pode ser reduzida à mera circulação de mensagens entre um emissor e um receptor num dado contexto, na medida em que o interesse da semiótica se volta para o jogo de “persuasão-manipulação-interpretação” intersubjetiva, próprio do processo comunicativo.

A instância enunciativa pode, portanto, ser simulada no interior de um enunciado, criando-se assim ilusões enunciativas em que o eu enunciador assume papéis diferentes. Desse modo, temos o par enunciador/enunciatário como actantes implícitos por figurarem como pressupostos do ato enunciativo; o par narrador/narratário, categorias projetadas no interior do enunciado, sujeitos da enunciação enunciada simulada no texto; e o par interlocutor/interlocutário, sujeitos que interagem num outro quadro enunciativo, dessa vez, simulados pelo narrador. Dito de outra forma, a enunciação pode ser concebida como um jogo

de construção de simulacros. Sendo assim, são simulacros o sujeito da enunciação, o enunciador, o enunciatário, o narrador, etc.

No quadro teórico da semiótica, são dois os mecanismos enunciativos responsáveis pela produção desses simulacros, pela instauração de pessoas, tempos e espaços no enunciado: a *debreagem* e a *embreagem*. A *debreagem*, em linhas gerais, pode ser definida como a operação em que a instância da enunciação projeta fora de si, no ato de linguagem, certos elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2008).

De acordo com Fiorin (2002), há dois tipos de *debreagem*: a enunciativa e a enunciva. A primeira instala no enunciado os actantes (eu/tu), o espaço (aqui) e o tempo (agora) da enunciação. A segunda instaura no enunciado os actantes (ele/eles), o espaço (algures) e o tempo (então) do enunciado. Por meio das *debreagens* enunciativa e enunciva, obtêm-se no discurso dois grandes efeitos de sentido: a) de subjetividade, quando os simulacros do *ego-hic-nunc* enunciativos instalados no enunciado geram um efeito de aproximação, de apreciação e valoração de fatos; e b) de objetividade, quando o apagamento das marcas da enunciação no enunciado produz um efeito de distanciamento, de imparcialidade.

Uma vez que a instância da enunciação pode ser concebida como o sincretismo do “eu-aqui-agora”, teremos respectivamente uma *debreagem* actancial, espacial e temporal, tanto enunciativa quanto enunciva. A título de exemplificação, teríamos uma *debreagem* enunciativa no enunciado *eu achei um livro ali, ontem*, em que não temos a determinação da pessoa, nem do tempo e nem do espaço; por outro lado, teríamos uma *debreagem* enunciva se fossem instauradas no enunciado essas marcas de pessoa, tempo e espaço, como ocorre no enunciado “Paulo achou um livro na estante de sua casa, no dia 23 de abril de 2020”.

Ao contrário da *debreagem*, que expulsa da instância da enunciação os atores, tempo e espaço do enunciado, a *embreagem* consiste em um “efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 159-160). Com isso, produz-se a impressão de identificação entre as categorias de pessoa, espaço e tempo do enunciado e da enunciação. Um exemplo de *embreagem* actancial (de pessoa) seria o próprio presidente da república dizer “O presidente da república não mede esforços para preservar a democracia”, pois há uma neutralização da oposição eu/ele. É importante lembrar que todo ato *embreante* pressupõe uma *debreagem*, que lhe é logicamente anterior. Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 160), “é impossível conceber a *embreagem* total; ela equivaleria a apagar toda marca do discurso, seria a volta ao inefável”.

A Semiótica atual explora o discurso especialmente como ato, pura atividade enunciativa, pelo qual se constituem tanto o sujeito-enunciante quanto o objeto-enunciado. Além disso, para Fontanille e Zilberberg (2001), o discurso pode ser concebido como campo de presença, isto é, como um campo perceptivo e posicional cujas propriedades fundamentais são: 1) o centro de referência; 2) os horizontes do campo; 3) a profundidade do campo ou a relação entre o centro e os horizontes; e 4) os graus de intensidade e extensidade que medem sua profundidade. Esse campo perceptivo é graduado em termos de densidade de presença enunciativa. Desse modo, as grandezas próximas ao centro são mais intensas do que aquelas situadas na periferia do campo. Elas diferem apenas quanto ao grau de presença, por isso fala-se de co-presença de grandezas num dado campo discursivo.

Essas ideias foram melhor desenvolvidas por Zilberberg (2006; 2011), dentro do quadro teórico de sua Semiótica Tensiva. Para o autor, “a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensidade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma à outra” (ZILBERBERG, 2006, p.169). Essa junção indefectível define um espaço tensivo de recepção para as grandezas que têm acesso ao campo de presença. Ao serem inseridas no espaço tensivo, as grandezas semióticas deixam de ser discretas e passam a ser tomadas como graduais e dotadas de orientação e profundidade.

Seguindo esta linha de raciocínio, o *valor* de uma grandeza consiste na associação de uma valência intensiva com uma valência extensiva. A primeira diz respeito à energia, à força presente em uma grandeza, enquanto a segunda refere-se à extensão do campo controlado pela intensidade, temporal e espacialmente. A dimensão da intensidade se constitui como produto das subdimensões do andamento e da tonicidade, além de reger a extensividade, enquanto esta é o produto das subdimensões da temporalidade e da espacialidade. Intensidade e extensividade podem manter entre si relações conversas (quanto mais intensidade, mais extensividade; quanto menos intensidade, menos extensividade) ou inversas (quanto mais intensidade, menos extensividade; quanto menos intensidade, mais extensividade). Como já assinalamos, o discurso passa a ser visto, então, como um campo de presença, instalado e organizado em torno de uma instância proprioceptiva, cuja modulação perceptiva ora aproxima determinados conteúdos para o seu núcleo, ora afasta-os para sua periferia, o que resulta em diferentes profundidades enunciativas ou diferentes níveis de apreensão dos objetos por ele visados.

Assim, nos exemplos que analisaremos a seguir, o modo de enunciar é capaz de produzir uma tensão entre as dimensões sensível (da intensidade) e inteligível (da extensividade) do discurso, de modo que determinados conteúdos tanto podem ganhar mais força sensível ou afetiva, como também podem se tornar mais analíticos, lógicos, racionais. Embora o discurso jornalístico se apresente tradicionalmente como objetivo e imparcial, o modo de organização tensiva dos conteúdos no texto pode relativizar essa imagem, fazendo com que um mesmo fato possa ser lido tanto pela dimensão da intensidade, quanto da extensividade, conforme defende Zilberberg (2011).

3 Persuasão e graus de presença da enunciação no enunciado no discurso da mídia jornalística sobre a pandemia

É fato consabido que a imparcialidade é uma característica reivindicada pelo discurso jornalístico. Logo, a maioria das notícias nos jornais tenderia a ser debreada enunciativamente, ou seja, aparecer em terceira pessoa, com tempo e espaço determinados no enunciado, o que atestaria sua objetividade e neutralidade. No entanto, sob uma perspectiva discursiva, essa imparcialidade precisa sempre ser relativizada, conforme demonstram Leite e Farias (2017).

O foco de nossa análise consiste em mostrar as principais estratégias enunciativas utilizadas pela mídia jornalística para manipular e conseguir a adesão de seus enunciatários/leitores a seus pontos de vista, assim como destacar o papel persuasivo do grau de intensidade afetiva, investido nos conteúdos veiculados de forma inteligível. Selecionamos, para isso, algumas manchetes e *leads* de notícias sobre a pandemia do Coronavírus retiradas de sites jornalísticos variados do Brasil, mais especificamente do jornal *A Tarde*, da *Rede Brasil Atual*, do jornal *O Sul*, do *GI* e da *Folha de São Paulo*. Algumas notícias são de fatos ocorridos em 2020, primeiro ano da pandemia, e outras, mais recentes, são de fatos ocorridos no primeiro semestre de 2021. A escolha das notícias e dos *leads* se deu a partir da procura por palavras-chave referentes à pandemia (Covid-19, coronavírus, pandemia, mortes, mortos, casos, UTI), no mecanismo de buscas do Google, realizada em março de 2021. Considerando as primeiras ocorrências retornadas pelo buscador, foram selecionadas aquelas em que as estratégias de modulação da tensão entre a dimensão inteligível e sensível do discurso eram mais evidentes.

Começamos, então, com a manchete do jornal *A Tarde*: “Após recorde de mortes, Bolsonaro anuncia comitê de crise contra Covid”³, e com a manchete do jornal *Rede Brasil*

³ <https://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/2162307-apos-recorde-de-mortes-bolsonaro-anuncia-comite-de-crise-contracovid>

Atual: “Após um ano da ‘gripezinha’ de Bolsonaro, Brasil ultrapassa 300 mil mortos por covid”⁴, ambas noticiando o mesmo fato.

Na comparação entre as duas, a primeira parece ser mais imparcial, haja vista estar debreada enuncivamente, enquanto a segunda, embora também esteja debreada enuncivamente, apresenta o termo aspeado “gripezinha”, o que põe em suspeição sua neutralidade, uma vez que indica minimamente uma valoração da Covid-19 pelo enunciador, introduzindo a presença sutil de subjetividade no enunciado. Em termos tensivos, a figura “gripezinha”, retomada de discurso do próprio presidente já no diminutivo, ganha tonicidade no enunciado por estar entre aspas. Com isso, ela recebe foco e se aproxima do campo de presença do enunciatário, permitindo a interpretação em outra isotopia ou plano de leitura, que bem pode ser uma leitura irônica do enunciado.

A neutralidade da primeira manchete, contudo, é também apenas aparente, tendo-se em conta que, nas duas manchetes, a posição dos sintagmas adverbiais no começo das frases indica a presença de alguma subjetividade, pois fica saliente a relação causal mais que a temporal, produzindo o efeito de sentido de descaso, de falta de atitude ou de comprometimento do presidente com o combate à pandemia.

Como se pode ver, esses graus de presença da enunciação no enunciado, do ponto de vista tensivo, aumentam a força de assunção dos enunciados, tornando-os mais intensos e aproximando esses conteúdos do campo de presença do enunciatário, o que pode favorecer sua manipulação pelo enunciador (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

Examinemos isso novamente na comparação de duas manchetes de jornais diferentes sobre uma mesma notícia acerca da pandemia. A primeira, retirada do jornal *O Sul*, de Porto Alegre, publicada no dia 13 de outubro de 2020, diz o seguinte: “Itália endurece restrições contra o Coronavírus e aconselha uso de máscara até dentro de casa”⁵. Do ponto de vista tensivo, ocorre um aumento da intensidade no enunciado, decorrente do aparecimento sequencial do verbo *endurecer* (aqui metaforizado) e dos termos *restrições* e *até*, que denunciam a presença da enunciação no enunciado, ou, se preferirmos, a subjetivização da notícia. Se observarmos atentamente, esses termos se tonificam gradualmente, recrudescendo e concentrando a ideia de privação de direitos.

Como se não bastasse, o sintagma “até dentro de casa” carrega o sema, a propriedade semântica de inclusão, que confirma esse aumento da intensidade do discurso pela criação de um efeito de sentido de invasão de privacidade para o enunciatário. É preciso dizer que o domínio da intensidade sobre a extensidade faz com que o próprio verbo *aconselhar*, de caráter cognitivo, inteligível, perca momentaneamente seu efeito atenuador (aconselhar não é obrigar) sobre o enunciado. A maneira como a manchete é enunciada parece produzir, portanto, uma aceleração no campo de presença do enunciatário, que é pego de surpresa, pois o enunciado, para além do seu conteúdo inteligível, informativo, passa a veicular tônica e concentradamente a ideia excessiva de rigor e de restrições, bem como de limite de espaço privativo. Como consequência, surge, para o enunciatário, no discurso enunciado, a possibilidade de privação também de sua liberdade.

Já a segunda manchete, publicada no portal *GI* na mesma data, ao colocar detalhes sobre o fato, distancia-se da primeira em termos de efeitos de sentido. A segunda diz o seguinte: “Itália endurece restrições para conter alta da Covid”. Em seguida, vem um pequeno texto secundário (*lead*, na linguagem jornalística): “O decreto aconselha o uso de máscaras – que já é obrigatório

⁴ <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/03/apos-um-ano-da-gripezinha-de-bolsonaro-brasil-ultrapassa-300-mil-mortos-por-covid/>

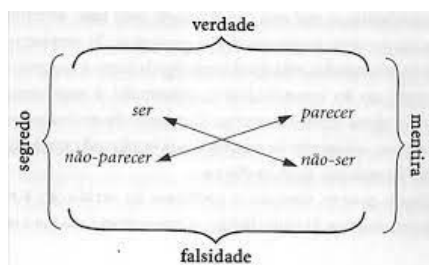
⁵ <https://www.osul.com.br/italia-endurece-restricoes-contr-o-coronavirus-e-aconselha-mascara-ate-dentro-de-casa/>

ao ar livre e em prédios públicos – dentro de casa, quando membros de fora da família estiverem presentes”⁶.

Essa notícia nos serve para mostrar a ilusão de verdade criada nos textos, decorrente do modo de enunciar de cada jornal. Como se vê, embora essa manchete contenha alguns dos termos que favoreceram o aumento de intensidade da primeira notícia, sua debreagem parece ser mais enunciativa do que a primeira. Para constatar isso, basta observarmos a presença do *lead* que acompanha a manchete da segunda. Esse texto, por ser mais explicativo e informativo do que a manchete, promove um relaxamento no campo de presença do enunciatário, colocando-o na dimensão da extensidade do discurso. Ao especificar as condições de uso da máscara dentro de casa (“quando membros de fora da família estiverem presentes”), a tensão estabelecida com os conteúdos relativamente intensos das figuras da manchete (“endurece”, “restrições”, “alta” e “Covid”) diminui, à medida que passa a prevalecer, para o enunciatário, a inteligibilidade do discurso, sua interpretação lógica e racional.

Outro ponto merece destaque. Ao se contraporem as duas notícias, criam-se também imagens ou identidades discursivas de seus enunciadores. Pelo que extraímos da análise, o Jornal *O Sul* constrói para si uma identidade que poderíamos chamar *sensacionalista* ou *alarmista*, enquanto o *GI* parece transmitir, nessa comparação, a imagem de um jornal com mais seriedade e imparcialidade jornalística. A semiótica, como se sabe, adota a posição de que o conceito de *verdade* deve ser substituído pelo de *veridicção*, a partir do qual se coloca a *verdade* como um termo complexo resultante da tensão entre *ser x parecer*, e que pode ser representado pelo conjunto de relações que se estabelece no conhecido *quadrado veridictório*, apresentado logo abaixo:

Figura 1: O quadrado veridictório



Fonte: Greimas e Courtés (2008, p. 532)

De acordo com a nossa análise, o texto (manchete⁷) do *O Sul* é colocado sob suspeição pelo texto (manchete *mais lead*) do *GI*. Isso quer dizer que, no quadrado veridictório, o primeiro nega o *ser* e se situa na relação complementar entre o *não-ser* e o *parecer*. A semiótica semantiza essa relação como *mentira* porque os conteúdos do primeiro texto não são *verdadeiros*, mas parecem ser. Já o segundo se situa, em relação ao primeiro, na relação complementar entre *não-parecer* e *ser*; semantizada como *segredo*, pois, por mais inteligível e objetivo que seja com relação ao primeiro, seus conteúdos não parecem ser, mas são. Ou seja, ambos produzem efeitos de verdade para seus respectivos leitores, mas são efeitos de natureza semiótica diferente.

Observamos também, no discurso midiático sobre a pandemia, uma estratégia de persuasão recorrente que consiste na simulação enunciativa de interação com o enunciatário, como ocorre frequentemente em grandes portais de notícias como o *GI* e a *Folha de São Paulo*. O *GI*, por exemplo, no início da pandemia, publicou a seguinte manchete: “Como se prevenir?

⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/13/italia-endurece-restricoes-para-conter-alta-da-covid-19.ghtml>

⁷ A notícia do jornal *O Sul* não possui *lead*.

É verdade que é possível matar o vírus? Posso me contaminar ao apertar a mão de um infectado? Infectologistas respondem as principais dúvidas sobre coronavírus”⁸.

Do ponto de vista enunciativo, o que interessa, nesse caso, não é mais somente a transmissão objetiva ou subjetiva das informações, mas também a produção de um efeito de sentido de interação com o enunciatário. Vale destacar que todas as perguntas estão debreadas enunciativamente, mas em graus diferentes (o fato de serem perguntas já indica o caráter enunciativo do enunciado, pois se trata de um *eu* que convoca um *tu* para uma interlocução no discurso). A primeira pergunta, embora seja subjetiva, cria um efeito objetivante, de afastamento entre enunciador e enunciatário, quando comparada com as outras (por conta do pronome impessoal *se*). A segunda já estabelece a interlocução direta, mas com uma diferença, a presença de uma *embreagem*, pois, neutraliza-se o *eu* e o *tu* (a pergunta poderia ser formulada tanto pelo enunciador quanto pelo enunciatário). Na terceira, por sua vez, vemos a pergunta sendo enunciada na primeira pessoa, o que promove mais ainda o efeito de aproximação com o enunciatário, na medida em que, nesse caso, ele pode ocupar tanto o papel de enunciador quanto o de enunciatário da pergunta. Vemos, portanto, uma gradação de subjetividade nas perguntas, que vai aumentando, incluindo paulatinamente a simulação da presença do enunciatário no enunciado. Após as perguntas, têm-se, na forma de *lead*, um enunciado debreado enunciativamente, que atribui a uma terceira pessoa, os infectologistas, a função de responder as perguntas, isentando o jornal de qualquer comprometimento com as respostas, apesar da proposta de interação simulada entre enunciador e enunciatário.

Um ponto que merece ser mencionado é o papel narrativo de *adjuvante* que o jornal assume, para seus leitores, ao usar essa estratégia enunciativa de aproximação. Cria-se e reforça-se, com isso, a imagem discursiva, a identidade de colaborador para o enunciador, ao se colocar à disposição da população para orientá-la, no que diz respeito aos procedimentos básicos de saúde (de higiene, de controle ou de combate à doença).

Essa mesma estratégia de aproximação também é usada pela *Folha de São Paulo*, mas para criar outro efeito de sentido e construir outra identidade no discurso. Na seção *Painel do Leitor*, do dia 19 de março de 2021, temos a seguinte manchete: “Já pegou Covid? Tem ideia de onde, quando e como foi? Conte para a Folha”, acompanhada do *lead* “Nesta quarta (17), Brasil bateu recorde de novos casos de coronavírus em 24h”⁹.

A exemplo da análise anterior, as perguntas dessa manchete também estão debreadas enunciativamente, indicando a aproximação entre enunciador e enunciatário. Porém, aqui, essa aproximação subjetivante se reforça ainda mais pela presença da forma verbal imperativa “Conte”, que cria, para o enunciatário, a identidade discursiva de um enunciador *confidente*, pois o pedido de resposta sugere certa intimidade entre os interlocutores da comunicação.

É interessante notar que, logo a seguir, temos o enunciado “Nesta quarta (17), Brasil bateu recorde de novos casos de coronavírus em 24h”, debreado enunciativamente, com marcas explícitas de pessoa, espaço e tempo, promovendo uma tensão na interação, ou seja, entre a afetividade investida nas perguntas e a informatividade objetiva do enunciado *lead*. Supõe-se que o enunciatário se vê afetado, sensibilizado pelo conteúdo da notícia, o que pode impeli-lo a colaborar com a divulgação de relatos sobre a pandemia para a *Folha*. É razoável pensar que essa tensão decorra da presença, nesse enunciado, de figuras que produzem tanto o efeito de sentido de concentração temporal (“Nesta quarta” e “24h”) quanto o de aceleração temporal (“recorde” e “novos casos”), ambos afetando sensivelmente o sujeito. Em termos tensivos, essas figuras acrescentam intensidade, afetividade ao enunciado. Reforça-se, assim, sua força apelativa, na medida em que a associação das perguntas à apresentação tônica dos fatos que

⁸ <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/coronavirus-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>

⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2021/03/ja-pegou-covid-tem-ideia-de-onde-quando-e-como-foi-conte-para-a-folha.shtml>

vêm em seguida produz o efeito de sentido de que se trata muito mais de uma interpelação do que de um pedido feito ao enunciatário.

Por fim, analisamos a seguir, o modo como *GI* e *Folha de São Paulo* noticiaram a marca de mais de 3.000 mortos em 24h, alcançada no dia 23 de março de 2021. Nessa última análise, optamos por colocar os *prints* das manchetes e dos *leads* juntamente com as imagens que introduzem os textos, visto tratar-se de notícias instantâneas, que não permanecem no site posteriormente. Além disso, expor os prints é válido, já que o sincretismo de linguagens, nesses casos, colabora para se determinar a presença tensiva da enunciação no enunciado. Começamos pela *Folha*:

Figura 2: Manchete da Folha de São Paulo

3.158 MORTOS POR COVID-19 EM UM SÓ DIA

Brasil passa pela 1ª vez dos 3.000 óbitos em 24 h; na contramão do mundo, país supera marca só cruzada pelos EUA até hoje



Fonte: www.folha.uol.com.br

Na notícia da *Folha*, apesar de se apresentar por meio de uma debragem enunciativa, com informações e dados objetivos, claros e precisos, ainda assim, é possível perceber a presença sutil da enunciação no enunciado, quando o jornal utiliza a expressão apositiva “na contramão do mundo”, que, mais do que explicativa, parece ser opinativa. Em termos tensivos, a folha faz uma operação de triagem, que diferencia segregadamente o Brasil dos outros países.

Como se não bastasse, a imagem de uma profissional da saúde sentada cabisbaixa, em uma cadeira, tendo ao fundo o que parece ser a UTI de um hospital, convoca para o discurso a sua dimensão afetiva, sensível, à medida que cria uma isotopia de leitura de impotência, fracasso ou desesperança. É pela tensão entre conteúdos da ordem da extensidade da linguagem verbal e os conteúdos da ordem da intensidade fornecidos pela imagem que se instala uma relação de polêmica discursiva para o enunciatário, que pode, inclusive, responsabilizar um sujeito discursivo que não se manifesta no enunciado, mas que fica sugerido, atualizado, na enunciação: o Governo.

O portal *GI*, por sua vez, lança mão de uma estratégia diferente para comunicar o mesmo fato. Para chamar a atenção de seus leitores, o jornal insere um contador de mortes dinâmico, no qual o leitor acompanha, aceleradamente, o cômputo do número de mortes nas últimas 24h. Ao mesmo tempo, o leitor acompanha também minúsculas unidades que se assemelham a figuras de caixões, que vão aparecendo e aumentando proporcionalmente sobre um fundo preto, à medida que os números vão aumentando. Após alcançar a marca de 3.000 mortes, aparece um pequeno texto sobre o fato e, em seguida, o contador rápida e automaticamente recomeça a contagem. Diante da impossibilidade de reproduzir aqui a

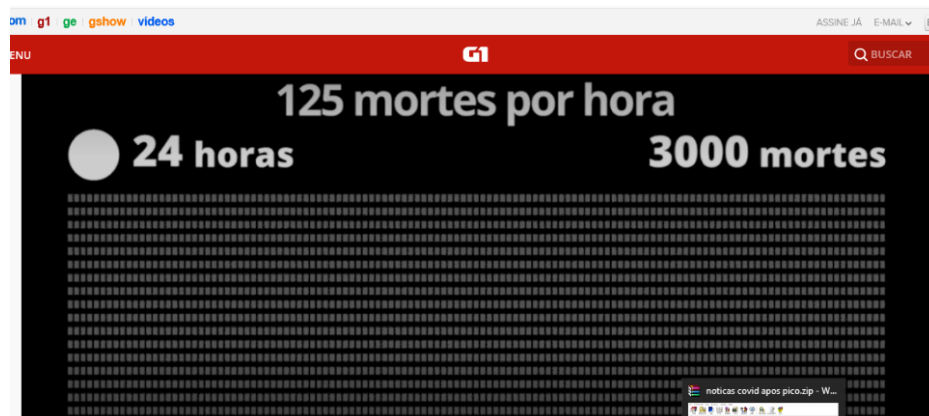
animação, colocamos a seguir apenas as imagens do contador em seu momento inicial, ao final da contagem e no instante em que aparece o texto da manchete e do *lead*:

Figura 3: Início do contador de mortes



Fonte: g1.globo.com

Figura 4: O contador chega a 3.000 mortes



Fonte: g1.globo.com

Figura 5: A manchete e o *lead* da notícia aparecem¹⁰



Fonte: g1.globo.com

¹⁰As figuras 3, 4 e 5 foram acessadas através do link g1.globo.com. O contador de mortes estava no topo da página inicial, com grande destaque, em 23 de março de 2021. No momento, não está mais disponível no site.

Nessa notícia, o primeiro aspecto a ser mencionado é a convocação imediata da dimensão da intensidade para o enunciatário, que é afetado por estímulos visuais diversos, tanto de ordem inteligível quanto de ordem sensível. O principal fator que responde por essa surpresa imediata é o *andamento* rápido, a aceleração promovida pelo contador de mortes e pelo preenchimento simultâneo da tela por figuras que parecem representar caixões, o que adia por um momento o controle do sujeito sobre a captação do conteúdo inteligível da notícia.

É interessante destacar o fato de que quadros, gráficos, painéis, contadores, são recursos geralmente utilizados para mobilizar a dimensão inteligível do discurso, tendo em vista que fornecem um tipo de representação cognitiva, analítica e objetiva de dados e informações. Entretanto, como se pode observar, o leitor, ao abrir o portal de notícias, depara-se, de imediato, com uma contagem acelerada das mortes em um dia no Brasil, por meio de números e de imagens de caixões sobre um fundo de cor preta, que, nesse texto, reforçam a ideia de luto e de tragédia e também contribuem para a manutenção da intensidade da notícia, visto que tentam criar uma identificação com o sistema de crenças do enunciatário.

Assim, dele, leitor, escapam, por um instante, as razões desse acontecimento, pois a aceleração funciona como um tipo de manipulação sensível que o impede momentaneamente de raciocinar, deixando-o somente na condição passiva de observador, que acompanha a rapidez com que se morre em 24 horas no Brasil. Um ponto que merece ser mencionado é a presença da frase “125 mortes por hora”, que permanece constante, à medida que o contador avança. Trata-se de um elemento enuncivo, que detalha matematicamente os dados do contador. Com isso, equilibra-se a tensão entre razão e emoção, garantindo-se a feição informativa e a inteligibilidade da notícia.

Após o contador atingir a marca de 3.000 mortes, aparece o seguinte texto: “3.000 mortes em 24 horas. Recorde sombrio de 3.158 óbitos reflete descontrole da pandemia e leva a tragédia brasileira a novo patamar. Já são quase 300 mil vidas perdidas”. Esse texto, que funciona como manchete e *lead*, quando lido ao final da contagem, torna-se mais enuncivo, com aparência de informação objetiva e neutra em virtude, sobretudo, da parada do andamento rápido, da desaceleração do discurso. Entretanto, trata-se de um texto que contém explicitamente marcas enunciativas, de natureza opinativa (conforme se constata no uso de termos valorativos como “sombrio”, “descontrole” e “tragédia”), o que evidencia a presença forte da enunciação no enunciado.

Se tivéssemos que atribuir uma identidade ao *GI* e à *Folha*, com base nessas duas manchetes acompanhadas de seus *leads*, arriscaríamos dizer que a articulação entre linguagem verbal e não verbal diminui consideravelmente uma possível imagem de neutralidade para ambos os jornais, embora não nos arrisquemos a afirmar que são notícias sensacionalistas.

A chamada da notícia dada pela *Folha* se situa muito mais na extensidade do discurso do que aquela apresentada pelo *GI*, explicitamente localizada na dimensão da intensidade. Pela comparação, a organização do texto pela *Folha* é mais objetiva e precisa, inclusive, informando o número exato de mortes, 3.158, enquanto o *GI* prefere usar estrategicamente a marca fechada de 3.000, atingida em andamento acelerado em um contador, o que visualmente chama mais a atenção do enunciatário.

Consequentemente, o *GI* parece construir para si uma imagem discursiva mais afetiva, que visa a sua identificação com o universo de valores e crenças do enunciatário por meio da manipulação da dimensão sensível do discurso, por conta do alto grau de presença da enunciação nos enunciados. Já a *Folha* convoca o enunciatário para uma reflexão mais racional, menos alarmista, e, embora também explore a afetividade da notícia de maneira sutil, a sua aproximação com o sistema de crenças e valores do enunciatário é, do ponto de vista persuasivo, menor do que aquela proposta pelo *GI*.

4 Conclusão

Pelo exposto neste artigo, fica evidente que a mídia jornalística não noticia fatos da pandemia, mas, antes, os constrói. Ou seja, não se trata somente de transmissão de informação, mas da construção discursiva da pandemia, via enunciação. Diante da ilusão de verdade orquestrada pelo seu discurso, a mídia jornalística aparece em seus textos muito mais manipuladora do que propriamente informativa, neutra ou imparcial, conforme pudemos constatar em nossas análises.

Fica claro que a escolha e o modo de organização das figuras, assim como o tipo de debreagem (enunciva ou enunciativa) ou de embreagem, determinam o grau de afetividade ou racionalidade investidos nos conteúdos postos em discurso, o que pode levar o enunciatário a se sensibilizar e interpretar, por exemplo, uma notícia (mais especificamente, sua manchete e seu *lead*) sobre um mesmo fato ora como mais sensacionalista, ora como mais crítica e, com isso, considerar um jornal tanto como tendencioso quanto como imparcial, dependendo de sua adesão ou não a esse jogo enunciativo proposto pelo enunciador.

Estudar a enunciação como mecanismo de manipulação e persuasão sob o viés da tensividade, num momento de crise sanitária mundial, sugere-nos caminhos para compreender melhor como os conteúdos das notícias veiculadas pela mídia são assimilados e rapidamente propagados e “viralizados”, influenciando nossas tomadas de decisão e orientando nossa adesão ou não a determinados sistemas de crenças e opiniões colocados em discurso pela mídia brasileira.

Referências

- A TARDE. **Após recorde de mortes, Bolsonaro anuncia comitê de crise contra Covid**. 2021. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/2162307-apos-recorde-de-mortes-bolsonaro-anuncia-comite-de-crise-contra-covid>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1991.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Já pegou Covid? Tem ideia de onde, quando e como foi? Conte para a Folha**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2021/03/ja-pegou-covid-tem-ideia-de-onde-quando-e-como-foi-conte-para-a-folha.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- G1. **Coronavírus: veja perguntas e respostas**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/coronavirus-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- G1. **Itália endurece restrições para conter alta da Covid**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/13/italia-endurece-restricoes-para-conter-alta-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- GREIMAS, A. J. A enunciação: uma postura epistemológica. **Significação: Revista Brasileira de Semiótica**, Ribeirão Preto, n.1, p.9-25, 1974.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: EDUC: Pontes, 1992.
- HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, R. L.; FARIAS, O. M. Estratégias enunciativas na produção do efeito de imparcialidade em notícias jornalísticas. *Galáxia*, n. 34, p. 175-185, jan-abr., 2017. Quadrimestral.

O SUL. **Itália endurece restrições contra o Coronavírus e aconselha uso de máscara até dentro de casa.** 2020. Disponível em: <https://www.osul.com.br/italia-endurece-restricoes-contra-o-coronavirus-e-aconselha-mascara-ate-dentro-de-casa/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

REDE BRASIL ATUAL. **Após um ano da ‘gripezinha’ de Bolsonaro, Brasil ultrapassa 300 mil mortos por covid.** 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/03/apos-um-ano-da-gripezinha-de-bolsonaro-brasil-ultrapassa-300-mil-mortos-por-covid/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SARAIVA, J. A. B; LEITE, R. L. Efeitos metafóricos e graus de presença da enunciação no enunciado. *Alfa: Revista de linguística*, v. 57, p. 37-51, 2013. Quadrimestral.

ZILBERBERG, C. Síntese da gramática tensiva. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 163-204, jun. 2006. Semestral.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Submetido em 29/03/2021

Aceito em 02/09/2021